

CPH | Revista

N 03 | 2022 - Abril

■ ■ ■ ■ *Capa*

O grito da resistência
negra através da fotografia
de Roger Silva

■ ■ ■ ■ *Tem que conhecer*

O olhar que capta
a regionalidade do interior
de Alagoas





Feliz Cenário Para a Fotografia em 2022

N 03 | 2022- Abril

Por: Dilma Carvalho

2021 continuou sendo um ano desafiador para as artes de um modo geral, afinal, foi um tempo de restrições necessárias devido a uma Pandemia que ainda não se extinguiu. Porém, é sabido, também, que arte sempre se reinventa em períodos de dificuldades, **quando desafios maiores se impõem mais que o previsto.**

Especialmente para a fotografia, arte que muitas vezes necessita transitar nas ruas, por entre as pessoas, para registrar as paisagens, os movimentos, parecia, então, que o isolamento a conteria de forma mais contundente. **No entanto, não foi isso que ocorreu,** pelo menos não com a vasta produção alagoana que vinha se impondo, com muita força e qualidade,

como afirmou Jorge Vieira na primeira edição da CAPH REVISTA, em junho passado.

Durante 2021 transcorremos um ano fotográfico, em Alagoas, de **muita produção criativa, criadora e motivadora** de projetos ambiciosos para um 2022 que chega sob a luz inspiradora de clicks novos, de olhares atentos, de visões inusitadas e que promete ser mais um ano de continuidade de experiências exitosas, com mestres que nos desafiam continuamente.

Foi dentro desse isolamento pandêmico que **Roger Silva produziu e viu seu BANZO** receber o prêmio do EL PAÍS, virar fotolivro e exposição; **Jorge Vieira** percorreu dez Comunidades Quilombolas de Alagoas e

uma Escola Estadual em Maceió com sua **BELEZA NEGRA; Junior Soares,** com seu "olhar que capta a regionalidade do interior de Alagoas", aliou **Fotografia e Psicologia** quando se refugiou lá em Teotônio Vilela e o carioca Marcello Cavalcanti resolveu reviver fotos do Rio de Janeiro antigo, refazendo os percursos do alagoano Augusto Malta e recriando cenários através de montagens com recursos que a tecnologia permite para o diálogo em dois tempos distintos. Tudo isso bem contado nessa terceira edição, primeira de 2022, da CAPH REVISTA, através dos nossos colaboradores.

Para além dessas matérias ainda terminamos o ano com a publicação



Feliz Cenário Para a Fotografia em 2022

N 03 | 2022- Abril

Por: Dilma Carvalho

dos fotolivros BOMFIM – fé e liberdade, de Jorge Vieira e O Guerreiro dá força pra viver, de Tayná Almeida; a chegada da Melani Editora (que vem com uma publicação de um fotolivro somente com fotógrafas) e a **CAPh Social iniciou seu GT FOTOGRAFIA DE RUA E MOBGRAFIA - O DOCUMENTAL HUMANISTA** – através de um projeto-piloto de intervenção na Escola Estadual de Tempo Integral Geraldo Melo dos Santos, além de ter apoiado diversos eventos culturais ligados à fotografia como por exemplo o FINADOS BAIROS – do Projeto RUPTURA, realizado na Praia da Pajuçara, em homenagem aos bairros em afundamento de solo em Maceió.

No mais, vislumbro um FELIZ CENÁRIO para a fotografia alagoana em um FELIZ 2022.

■ ■ ■ ■ Expediente

Colaboraram nesta edição:

Anna Sales, Carol Amorim, Dilma de Carvalho, Ducy Lima, Emanuella Lima, Joaquim Marçal e Wanessa França

Projeto editorial e Diagramação:

Ed Gama Jr.

Revisão ortográfica:

Dilma de Carvalho

Coordenação de comunicação:

Anna Sales

Os artigos apresentados nesta edição não refletem necessariamente a opinião da CAPH Revista



Sumário



O GRITO DA RESISTÊNCIA NEGRA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA DE ROGER SILVA

Por: Emanuella Lima

A fotografia do historiador, pesquisador e artista Roger Silva é um espaço de troca, de vivências e de resistência negra. **O ser que fala através do olhar** consegue expressar a realidade histórica através de suas inquietações.

No mês da Consciência Negra o artista lançou sua obra, independente, intitulada 'Banzo' que conta com **uma série de autorretratos que revelam as angústias e dores do povo homenageado em novembro**. O termo Banzo significa "tristeza, angústia profunda ou saudades da terra natal", era uma palavra muito usada pelos negros escravizados no Brasil.

Em entrevista à Casa Alagoana da Fotografia, (CAPH), Roger Silva nos deu a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a obra vencedora da microbolsa de fotojornalismo EL PAÍS ARTISAN, em parceria com Favela em

Pauta, no ano de 2020. Roger compartilha um pouco das aflições vividas em meio ao processo artístico em um cenário pandêmico.

"A Série de autorretratos Banzo, que deu vida à Mostra, (exposta na galeria do Arte Pajuçara), foi desenvolvida e pensada ano passado, entre o início e meados da pandemia. Meu projeto era desenvolver uma exposição, mas infelizmente não conseguimos apoio financeiro, mesmo participando de alguns editais o projeto não foi selecionado. No começo fiquei bastante triste, contudo, sei que Banzo é um trabalho que vai de encontro a discursos brandos sobre o ser negro no Brasil. Sua estética não remete ao belo. É composta por uma narrativa que emerge de reflexões sobre a diáspora negra, mais precisamente sobre a travessia dos meus irmãos e irmãs pretos/as nos tumbeiros (nome dado aos navios negreiros) que chegavam a transportar



Roger Silva @ rogersilvafotos



mais de quinhentas pessoas de uma vez, com viagens que poderiam durar até quatro meses ou mais, dependendo do clima e da embarcação. Quando fotografei pensei nas leituras que fiz de meu povo nesse lugar desesperador, violento e desumano. Em outra ponta estava pensando nas notícias de pessoas pobres, pretas e periféricas que não podiam ficar em casa durante a Pandemia, no risco iminente da morte. Nesse sentido

Banzo é um recorte microscópico das minhas experiências enquanto Historiador, pesquisador desses recortes históricos sobre o negro brasileiro e, também, reflexões sobre minhas experiências enquanto descobridor desse processo de autoconhecimento sobre ser negro. Logo, não estou falando sobre arte em si, mas sobre manifestações agonizantes e imagéticas do processo de conhecimento dessas histórias que me rasgam até hoje. As máscaras usadas são apenas alegorias desses medos e dores que sinto quando penso sobre esses recortes, elas não dão conta do sentimento real, talvez atenuem essa verdadeira face de horror. Inclusive, deixo registrado que foram produzidas pelo artista alagoano Gilbef. Portanto, Banzo é um grito preso na garganta, uma produção que nasce de um processo histórico de esfoliação do corpo negro em detrimento do lucro e exploração do branco europeu. Dessa forma, a Mostra está sendo um experimento simbólico,

■ O grito da resistência negra através da fotografia de Roger Silva

parte mais importante do todo que é Banzo e o fotolivro é um braço desse trabalho do qual me orgulho em ter feito."

O pertencimento na fala de Roger Silva é visto e sentido em sua obra. Onde o artista se torna a arte através da fotografia, conseguindo manifestar seus sentimentos por meio de recortes que vão além daquele espaço. Sobre o painel 'O negro imagético alagoano' o fotógrafo relata que estar nesse local o coloca em um espaço onde o negro comumente não ocuparia, especialmente em outros tempos e isso se reflete em sua luta.

"Esse painel não seria possível sem meu querido companheiro jornalista e RP Wilson Smith, responsável por fomentar esse espaço e outros no qual tenho conseguido acessar ultimamente. Já é sabido que tais espaços não foram pensados para profissionais pretos e periféricos como eu. Por isso, o tema caiu



como uma luva para o momento, já que meu trabalho tem uma forte referência às questões do negro. **Inclusive meu Trabalho de Conclusão de Curso, na Universidade Federal de Alagoas**, versa sobre esse tema e seus desdobramentos. O negro no imagético alagoano ainda é, em grande medida, visto como um ser residual, ainda visto pouco em espaços elitistas e de renome. Poder acessar esses espaços sem ser confundido com "bandido" é uma conquista enorme. Estar no palco do Arte Pajuçara e falar sobre nossa história e perspectiva a partir de construções imagéticas e artísticas é um ótimo começo."

A partir de um olhar intrínseco, Roger Silva nos conta como enxerga suas obras e nos fala sobre seus planos na fotografia.

"Me vejo como um fotógrafo preto e periférico, consciente do meu fazer fotográfico. Com passagens limitadas

no mundo visual, por ser quem sou e por representar signos e sinais marcados pelo racismo estrutural. Não é fácil, o mundo das artes visuais, principalmente quando não podemos desenvolver nossos projetos de maneira plena, sempre digo que meu sonho é viver de fotografia, mas, ainda não consigo, e sofro muito, já pensei em parar inúmeras vezes, porque tenho ideias e não consigo colocá-las em prática porque preciso fazer outras coisas para sobreviver, para mim essa é a pior parte, fico ansioso e angustiado. Entretanto, no geral, sei que tenho condições de contribuir ainda mais para o mundo fotográfico. **Talvez essa certeza me faça continuar a insistir nela.** Comecei a fazer fotografia de rua, uma pegada mais documental, me desligava dos meus problemas e conflitos quando estava na rua fotografando, tenho várias Séries nesse nicho, contudo, o trabalho que mais gostei de fazer foi minha primeira Série de autorretratos intitulada Casulo.

Quando terminei e vi o resultado eu achei incrível, porque eu detesto ficar em frente à câmera, mas em Casulo gostei do que vi. Talvez, porque nasceu ali uma nova perspectiva para minha fotografia, entendi que poderia ir além. E como um bom ansioso isso é ótimo. Em relação aos projetos, tenho alguns em andamentos, um deles está saindo esse mês na Revista Noize, é um trabalho inédito que se chama Além da imagem, trata de uma Série fotográfica documental sobre o afundamento do solo nos bairros maceioenses atingidos pela intervenção capital da Braskem, é um trabalho de fotografia híbrida experimental. Outro tratará sobre a poluição das praias em Maragogi que se chama Marcas do silêncio. Em dezembro finaliza-se o Projeto Guerreiros de Alagoas: Além das Cores, com uma exposição e a entrega do site com o projeto para SECULT- Alagoas, resultado da Lei Aldir Blanc de incentivo à Cultura - Edital Vera Arruda. Paralelo a isso

■ O grito da resistência negra através da fotografia de Roger Silva

estou estudando fotografia artística para desenvolver um projeto pessoal que há muito tempo tenho vontade." Por fim, o artista deixou uma mensagem para aqueles que buscam conquistar seu espaço através da fotografia.

Não desistam de tentar, e quando começarem vão até o fim, não importam os erros cometidos, eles fazem parte do processo criativo. Esqueçam dos padrões visuais e mergulhem fundo na sua essência e personalidade. A fotografia é uma arma política e ideológica, use-na a seu favor e dos seus, o universo fotográfico não foi pensado para nós, seres periféricos, mas, não podemos nos abater: quebrar estereótipos e criar outros caminhos é nosso desafio. O conceito de arte é extenso demais para nos limitarmos aos que são seus detentores, ou seja, sejam sua própria arte, criem sem amarras e reinventem seus mundos. Já recebi críticas sobre a profundidade

do meu trabalho, não me abala, porque quem as tece não tem nada de significativo para contrapor. Quando isso acontece a gente acena, rir e continua. Busquem referências, mas, não abram mão das suas, elas estão no seu cotidiano e dentro de vocês. No mais não deixem a câmera os dominar, use-na a seu favor e por último, não menos importante, não se vendam. Sejam honestos com vocês e com seus ideais.







Acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil



Acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

AUGUSTO MALTA, FOTÓGRAFO ALAGOANO E CRONISTA VISUAL DA MODERNIDADE CARIOCA

Por Joaquim Marçal F. Andrade

Acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil



Augusto César Malta de Campos, alagoano de Mata Grande, nascido em 14 de maio de 1864, era um dos dezenove filhos de Claudino Dias de Campos e Blandina Vieira Malta de Campos. Embora os pais tivessem a intenção de torná-lo

sacerdote, seguiu para o Recife onde se alistou no Exército. **Imbuído dos ideais republicanos,** chegou ao Rio de Janeiro em 1888, indo trabalhar no comércio. Em 1900 trocou sua bicicleta por uma câmera fotográfica e em 1903, através de decreto municipal do prefeito Pereira Passos, **tornou-se o primeiro fotógrafo da Prefeitura do Distrito Federal,** lotado na Diretoria Geral de Obras e Viação. Autodidata até onde sabemos, desempenhou com impressionante eficiência os encargos de sua nova função. Simultaneamente, prestou serviços a grandes empresas como a Sul América e a Light.

Augusto Malta foi repórter fotográfico e principal cronista visual da cidade, no período mais crucial das reformas urbanas do Rio de Janeiro. Forneceu imagens aos principais jornais e revistas da capital. Fez breve incursão na atividade editorial, publicando um álbum fotográfico

e séries de cartões postais. Suas imagens ilustraram importantes publicações iconográficas do período.

Malta aposentou-se da Prefeitura em 1936, mas ainda continuou fotografando bastante na década de 1940. Ao longo de sua trajetória toda a vida da cidade foi por ele documentada. Paisagens, arquitetura e aspectos urbanos, as demolições e construções, os fenômenos da natureza e os desastres, os cidadãos, os eventos culturais, políticos e sociais; nada escapou de suas lentes. **Produziu a mais completa documentação visual da história do Rio de Janeiro** no período da Belle Époque, de sua radical modernização, quando incorporou a denominação de cidade maravilhosa. Sua fotografia muito contribuiu para consolidar essa imagem.

Entre os estudiosos da obra de Malta é comum a comparação, sempre desfavorável a ele, **com o rigor e apuro**

técnico de Marc Ferrez – que foi, indiscutivelmente, o maior fotógrafo brasileiro dos oitocentos e produziu algumas das mais belas paisagens fotográficas do Rio, além de ser o autor de um portfólio sem par no planeta: o "Avenida Central" (1907). No entanto, no adentrar do novo século, já idoso, Ferrez estava mais interessado nos promissores negócios do cinema.

Já Augusto Malta estava apenas dando início à sua fotografia, que é de outra ordem, de outro tempo e deve, portanto, ser comparada a de outros mestres. Ele segue uma linhagem que se inicia com Charles Marville (1813-1879), o fotógrafo oficial da cidade de Paris que trabalhou para o Barão Haussmann, prefeito responsável pela radical modernização da cidade luz à partir de 1851. Ademais, seu trabalho tem uma disciplina e um rigor documental comparável, em alguns aspectos,





Acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil



Acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

o revolucionário fotógrafo que atuou também em Paris entre os últimos anos do século 19 e a década de 1920 e cujo reconhecimento deu-se tardiamente. Na produção de ambos, percebe-se a presença constante nas ruas da cidade e o cuidado arquivístico. Malta identificava cada chapa com as informações correspondentes – local, evento e data, além da assinatura – o que corresponde, em parte, aos atuais metadados, incorporados a todo arquivo de imagem gerada pelos equipamentos fotográficos digitais de nosso tempo.

Augusto Malta faleceu aos 93 anos, em 30 de junho de 1957, no Rio de Janeiro. Já se vão quase sessenta e quatro anos desde então, mas o seu legado, sempre exaltado, ainda não alcançou todo o reconhecimento que merece. O fotógrafo já foi objeto de incontáveis artigos e de muitas dissertações e teses. É lembrado com frequência e algumas de suas

imagens são repetidamente reproduzidas. Mas a produção bibliográfica segue escassa e o acesso à sua obra está muito aquém de sua dimensão e importância. O magistral legado fotográfico de Malta – são dezenas de milhares de imagens – acabou dividido entre o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, o Museu da Imagem e do Som do Estado do Rio de Janeiro, o Acervo Empresarial do Instituto Light, o Instituto Moreira Salles, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Museu Histórico Nacional, a Biblioteca Nacional e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, entre outras instituições, além de alguns colecionadores particulares. Isso contribuiu para que até hoje não tenha sido possível adquirirmos uma visão de conjunto, verdadeiramente abrangente, de seu legado. A maioria dos detentores aqui listados ainda não disponibiliza o acesso à totalidade de suas imagens. O alagoano Augusto César Malta de Campos, que há cento e vinte e um anos

tomou para si a fotografia, veículo de expressão por excelência da modernidade, segue nos surpreendendo, nos maravilhando e nos desafiando a decifrar toda a sua produção. Ele é mais um dos alagoanos que 'caiu no mundo' e produziu uma obra essencial.



Acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

■ O Rio de Janeiro de ontem e hoje: Fotógrafo carioca 'revive' fotos de Augusto Malta



1740 - Cia. Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro.
Instalação de Postes de Concreto Armado.
Av. Vieira Souto. 5-XI-1937

Foto de Marcello Cavalcanti

O RIO DE JANEIRO DE ONTEM E HOJE: FOTÓGRAFO CARIOCA 'REVIVE' FOTOS DE AUGUSTO MALTA

Por: Anna Sales

Agora, no Século 21, no Rio de Janeiro, onde Augusto Malta fez sucesso no século passado, vive o fotógrafo Marcello Cavalcanti. **O que ele e Malta possuem em comum?** O interesse por fotografar as transformações do Rio.

Em 2012, durante uma trilha que fez no Vidigal em direção ao Morro Dois Irmãos, Cavalcanti decidiu levar sua câmera e fotografar no local. **Na época, esse ato não era muito comum**, então, ele decidiu pesquisar fotos anteriores, feitas na mesma localidade. Foi aí que se deparou com uma das fotos clássicas de Augusto Malta: uma pessoa sentada à direita e com a vista Morro Dois Irmãos à esquerda e as Praias do Leblon e Ipanema, mostrando a Zona Sul do Rio.

- "Quando eu vi essa foto pensei: **caramba, eu estou achando que fiz um trabalho inédito** e na verdade já tem um cara que subiu aqui há cem anos e fez

essa foto. E aí, comecei a pesquisar em cima do trabalho dele. Vi que possuía uma foto muito parecida que fiz lá do Dois Irmãos no mesmo ângulo, onde também havia uma pessoa sentada. Na hora, me deu esse estalo. **Eu pensei - e se eu pudesse juntar uma foto na outra para mostrar a evolução da cidade**, mesclando metade da foto dele com metade da minha foto? Como sou designer de formação, tenho boa habilidade no Photoshop e rapidamente peguei aquela foto do Malta, joguei no Photoshop e fiz a montagem. Olhei e falei - isso aqui ficou muito legal, eu acho que eu posso desenvolver um trabalho em cima dessa ideia", - conta o fotógrafo.

A partir daí, Cavalcanti começou a pesquisar quem era Augusto Malta e encontrou fotos que viu que poderia reproduzir com facilidade na praia, na cidade, no Centro. Então, juntou essas fotos em um HD. Mas, só começou

a desenvolver, de fato, o trabalho em 2014. De vez em quando tirava alguma foto interessante e fazia a montagem. O fotógrafo também passou a frequentar grupos no Facebook sobre o Rio Antigo. Feitas as montagens, ele lançou no Instagram e foi um sucesso, saindo



Foto de Marcello Cavalcanti

na mídia. **"Não imaginava que esse trabalho ia ter uma repercussão tão grande.**

Comecei a ficar com medo que pudesse ter algum problema de direito autoral em cima. Então, para me resguardar, fiz um acordo com o Museu da Imagem do Som do Rio. **Fiquei lá semanas pesquisando as fotos dele na biblioteca virtual.** Então, comprei essas imagens e é em cima delas que tenho trabalhado essa história", comenta.

Da adolescência, à vida adulta

Marcello Cavalcanti não tinha se dado conta, mas sua fascinação por Malta se dava desde sua adolescência. Sua família sempre teve uma cultura muito grande de ler livros e seus pais gostam muito de história. Em sua casa, havia alguns livros sobre o Rio antigo. Marcello já lia sem saber que se tratava de Malta - "Só sabia que eu gostava daquelas fotos do Rio antigo". Ele acabou tendo acesso a muitas outras

fotos, mas sem ter a noção da grandeza de Malta e do que ele representava para a cultura fotográfica. Só foi entender bem quem era e estudar sobre sua obra, quando fez a primeira foto, no Morro Dois Irmãos.

E foi com esse estudo que ele começou a entrar no Google Street View, para tentar se aproximar do ângulo que Augusto Malta tirava suas fotos: **"Eu não sei qual era a lente que ele usava, eu supus que era uma lente de aproximadamente 50 mm.** Então, usei essa lente para poder reproduzir as mesmas imagens, ia para aquele local e fazia muitas fotos, variando um pouquinho o ângulo e variando minha altura. Porque tudo isso são informações que a gente não tem fácil assim. Qual é a altura dele, qual altura que ele usava a câmera para fotografar? Esse tipo de informação muda o ângulo da foto. Se eu me agachar a foto sai de um jeito, se eu me levantar a foto sai de outro.



Foto de Marcello Cavalcanti

Eu fazia muitas fotos, quarenta, cinquenta, sessenta fotos ali na rua, andava um passo pra esquerda, um espaço pra direita, para cima e para baixo. Isso tudo para ter um acervo enorme de imagens daquele ângulo e depois, no computador, conseguir encontrar a foto que batesse certinho com a foto original dele, sem ter que distorcer muito a foto ou empenar para poder encaixar", - explica.

Para Marcello Cavalcanti, **algumas fotos foram mais fáceis de realizar**, porque o ângulo era facilmente identificável. Já outras, mais difíceis, pois alguns prédios foram demolidos, casas já sumiram e viraram grandes prédios, além de monumentos que saíram do lugar durante as inúmeras e grandes reformas que o Rio de Janeiro sofreu. Para a sorte do fotógrafo, Augusto Malta tinha a prática de após a revelação no negativo de vidro, riscar com alguma coisa que marcasse eternamente aquele negativo



Foto de Marcello Cavalcanti



Foto de Marcello Cavalcanti

e em cima da foto, escrever o nome dele, com a data e o ano e, às vezes, também com a localização.

O Rio de ontem, o Rio de hoje

Quando perguntado qual a fotografia que sentiu mais emoção ao realizar, Marcello respondeu: -"Todas foram emocionantes na hora que consegui realmente encontrar o local. Na hora que eu encontrava o ângulo aí eu sentia aquela emoção de falar '**caramba, Augusto Malta esteve aqui, mais ou menos nesse ponto, também fotografando**, fazendo a mesma coisa que estou fazendo agora, só que há cem anos'. É muito emocionante estar nesses espaços, além de ser uma sensação interessante, porque milhões de pessoas passam por ali todo dia e não dão o menor valor para isso que está acontecendo. Mas, destaco uma foto que fiz recentemente, na Avenida Rio Branco, onde agora tem um bonde moderno

passando, mas na época não tinha esse bonde. Foi muito legal olhar pra foto do Malta, que estava cheia de pessoas caminhando na rua e carros antigos e ver o bonde passando exatamente onde essas pessoas estavam caminhando", - conta.

Perguntado também se ele possui uma foto favorita, Marcello comenta: - "**Gosto mais das que tem bastante gente na rua**, pois você consegue ver uma diferença muito grande de corte de cabelo, roupa, costumes, até postura, enfim, essas que a gente confronta mais essa questão do ser humano, eu acho que são as de que eu mais gosto. Então, dentre elas tem uma em especial que é da praia de Ipanema. Fotografei a praia num domingo de sol, super cheia, com bastante gente, barraca, com biquíni, homens, mulheres e confrontei com uma foto dele que tinham três ou quatro pessoas na praia, no mesmo ângulo, com o Morro Dois Irmãos lá no fundo. Essas pessoas que estão

■ O Rio de Janeiro de ontem e hoje: Fotógrafo carioca 'revive' fotos de Augusto Malta

na praia, na foto do Augusto Malta, estão de terno, uma senhora com o vestido até o pescoço, eles estão usando uns guarda-chuvas para se proteger do sol. **Quando fui mesclar essas duas fotos,** comecei a apagar a minha foto para deixar aparecer a do Rio antigo, percebi que tinha um senhor mais afastado desse grupo de pessoas da foto antiga e parece que ele está olhando pra alguém. Aí, deixei algumas pessoas da minha foto muito próximas, como se ele estivesse olhando para essas meninas de biquíni. Então, esse encaixe ficou muito engraçado porque parece que esse senhor está olhando meio curioso para aquelas mulheres com pouca roupa. Então, esse tipo de comparativo de pessoas eu acho que é o mais legal. Tem outra de que eu gosto muito que é dos Arcos da Lapa, que encaixaram certinho: o bonde passava na rua embaixo, hoje ele passa em cima. Tem uma de um garoto caminhando na foto em direção à foto do passado: garoto do presente, mas está caminhando em

direção ao passado. Fora essas, uma de que também gosto é da Vista Chinesa, um mirante aqui no Rio de Janeiro, bem alto para subir. Hoje em dia é um lugar muito frequentado por ciclistas que sobem para fazer exercício e descer a ladeira. Naquela época, era frequentado por pessoas de carro. Na foto de Malta, tem muitos carros parados e na minha, eu deixei só os ciclistas passando. Então, é um confronto, também, de gerações. Acho muito legal você saber que é um lugar que hoje é frequentado por ciclistas e naquela época só era frequentado por carros", - finaliza.



Foto de Marcello Cavalcanti



Foto de Marcello Cavalcanti

■ O Rio de Janeiro de ontem e hoje: Fotógrafo carioca 'revive' fotos de Augusto Malta



Foto de Marcello Cavalcanti



Foto de Marcello Cavalcanti



Foto de Marcello Cavalcanti



Foto de Marcello Cavalcanti

■ O Rio de Janeiro de ontem e hoje: Fotógrafo carioca 'revive' fotos de Augusto Malta



Foto de Marcello Cavalcanti



Historicamente subjugados, a memória, a beleza e a trajetória do povo preto é hoje uma sucessão de lutas e resistências contra um sistema que ainda insiste em reproduzir uma cultura escravocrata.

A sensibilidade das imagens do fotógrafo Jorge Vieira contribui com a desconstrução de conceitos estabelecidos por uma sociedade que põe em um pedestal padrões eurocêtricos.

Com corpos pintados por uma tinta branca, rostos sérios, cabelos coloridos e o adorno de frutas, pimentas e flores, cada detalhe das imagens que fazem parte da exposição **Beleza Negra abraça máximas que compõem a luta antirracista.**

Para além de conceitos - que serão melhor explicados ao decorrer do texto - a representatividade, trazida com as fotografias, tocam aqueles que um dia já sentiram na pele o preconceito.

Particularmente, fazendo uso do lugar de fala como mulher negra que sou, muito me emociona ver expostas imagens de modelos pretas que, mesmo com a tinta sobre o corpo, tem seus traços evidenciados.

Beleza Negra tem o potencial de inspirar. Rodando também pelas comunidades Quilombolas do Estado de Alagoas, a exposição tomou um papel de conscientização, sendo uma ponte para que a população dos Quilombos



Fotografia de Jorge Vieira



se conectasse às suas raízes e, também, à oitava arte.

Em entrevista à Casa Alagoana de Fotografia (CAPH), **Jorge Vieira conta que a exposição Beleza Negra** traz como conceito uma reação à política do embranquecimento implementada no Brasil no início do século passado, na qual o governo incentivava imigrantes europeus a virem ao país e, chegando aqui, formassem famílias com ex-escravizados na intenção de clarear a população. Hoje, o resultado dessa política é um Brasil misturado, mas que dá continuidade ao racismo, se desdobrando ainda naquele que se nomeia estrutural.

"Essa tentativa de invisibilizar a população negra, tratando ela como minoria quando na verdade é a maioria do povo brasileiro é resultado da política do embranquecimento e que existem

várias manifestações no Brasil de hoje, dentre elas o racismo estrutural. **Então, Beleza Negra nasceu desse "conceito"**, continuou o fotógrafo.

Além de cores, flores, frutas e pimentas, as fotografias de Jorge Vieira trazem consigo características únicas que, quando juntas, completam o sentido da obra, evidenciando o tema. **A princípio pode causar estranheza**, mas o autor explica que cada detalhe carrega consigo a representatividade de um aspecto da trajetória do povo negro em suas lutas.

Como forma de **mostrar a ruptura dos padrões brancos e a afirmação do povo negro em sua estética**, raízes e culturas, as modelos foram pintadas com tinta branca, de maneira não uniforme, preservando seus traços e sua cor. E nisso se encontra o ponto chave da exibição:

- **"E aí está o principal conceito de Beleza Negra** - é mostrar que o povo preto bate no peito e diz: eu quero ser preto! Eu sou preto e quero mostrar que tenho orgulho em ser preto! **Por isso vou romper com essa política de embranquecimento."** acrescentou Jorge.

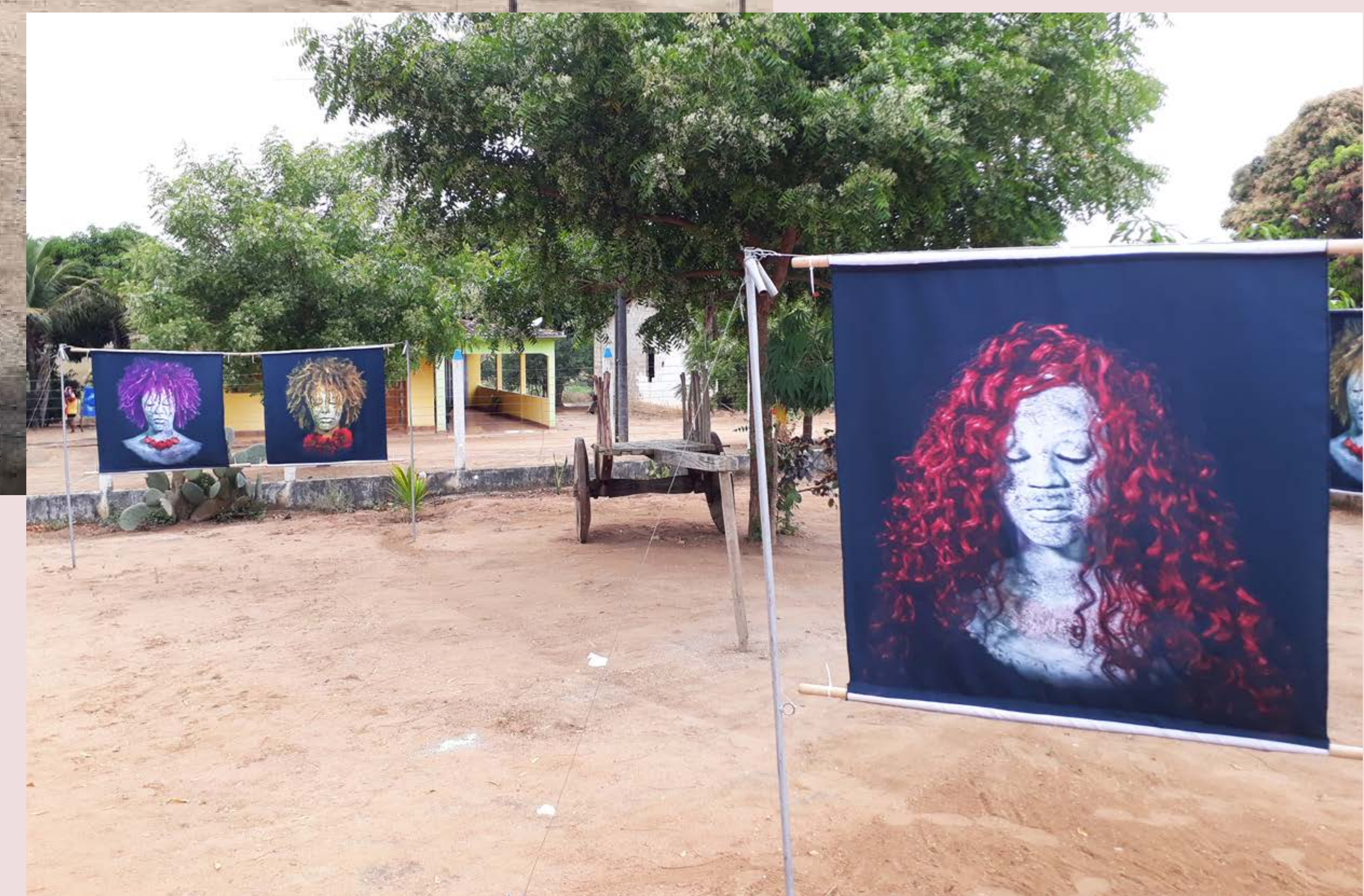
Além da pintura, existem outros elementos nas fotografias que, mesmo pequenos, transmitem significados. **As variadas cores nos cabelos das modelos, por exemplo, vêm com o intuito de afirmar a diversidade da negritude**, uma vez que se reconhecer como pessoa preta é, também, passar por um processo de compreensão das múltiplas formas com que o povo negro pode se expressar, não se prendendo a novos esteriótipos.

Enfeitando seus pescoços, as modelos trazem elementos como flores, frutos e pimentas, onde cada item também carrega um sentido.

"Esse processo de expressar a negritude não é fácil e as pimentas que estão ali, em algumas fotografias, mostram isso, a luta árdua, as mortes e perdas do povo preto. Outras [fotografias] têm flores, em formatos e cores diversas, e elas têm um papel nesse processo criativo de mostrar que, apesar da luta ser ardua como a pimenta, existe doçura, gentileza e delicadeza que o povo preto mantém na sua essência, mesmo com tantas dores. E os frutos, que também estão colorizados, enfatizam que a luta que se tem hoje provém daqueles que lutaram antes, além de representar os frutos deixados para aqueles que virão, mantendo a consciência sobre a responsabilidade de que a luta não fica somente para os de hoje, mas é repassada às próximas gerações", conta o fotógrafo.



Fotografia de Jorge Vieira



Fotografia de Jorge Vieira

Próximos passos

Beleza Negra foi exposta no **Centro Universitário Tiradentes (Unit)**, em fevereiro de 2022, onde houve rodas de conversas sobre a exposição. Além disso, em novembro e dezembro de 2022, as fotografias serão apresentadas na cidade de Salvador/BA. E, por não possuir um conceito que se prende a uma data específica, a agenda segue em aberto para novas experiências. **E, para quem quiser acompanhar a exposição e outros trabalhos de Jorge Vieira, basta dar uma olhada em suas páginas nas redes sociais (@jorgevieiraphoto) e ficar por dentro dos próximos projetos.**



Fotografia de Jorge Vieira



CAPH SOCIAL: PROJETO DE INTERVENÇÃO LEVA CONHECIMENTO DE FOTOGRAFIA À ESCOLA ESTADUAL EM MACEIÓ

Por Dilma Carvalho

A Casa Alagoana da Fotografia, através de sua Coordenadoria Social, desenvolveu, no segundo semestre de 2021, um projeto-piloto de intervenção na Escola Estadual de Tempo Integral Geraldo Melo dos Santos, vislumbrando a possibilidade de construir um canal de comunicação entre as comunidades circunvizinhas à Escola (Cidade Universitária) e a Instituição, fomentando o gosto pela mobgrafia e pela fotografia documental nos alunos oriundos dessas comunidades, socialmente vulneráveis.

Com o desenvolvimento desse Projeto a CAPH Social pode dar início ao seu **GT FOTOGRAFIA DE RUA E MOBGRAFIA - O DOCUMENTAL HUMANISTA**, que além da perspectiva de levar a arte da fotografia a essas comunidades vê a possibilidade de, junto com a Educação, partindo da escola, levar aos jovens um outro olhar para si e para a sua realidade, despertar o interesse pelo auto

conhecimento e pelas diversas formas de se mostrar e de se aprender através da arte da fotografia, sem que o custo de equipamentos e de outros processos onerosos possa vir a ser um empecilho aos seu conhecimento, desenvolvimento, domínio e ponto de interesse pela juventude. É, também, objetivo do Projeto apresentar a fotografia como meio de expressão artístico-visual.

Além do objetivo de fomentar o interesse pela fotografia, a CAPH Social, com essa parceria, conseguiu **estimular o interesse pela leitura**, integrando Literatura à arte fotográfica, visto que os alunos tinham como **atividades do Projeto ler autores da Literatura alagoana**, previamente selecionados pela Professora Gildilane Zacarias, da disciplina Oferta Eletiva - Literatura e outras artes, ministrada no 3º Ano D, durante o ano letivo de 2021, utilizando o rico acervo da Biblioteca da Escola que consta com títulos de autores

como Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Lêdo Ivo, Arriete Vilela, dentre tantos outros.

Os encontros entre a CAPH Social e a turma aconteceram quinzenalmente e puderam contar, além de exposições orais, ministradas pela Coordenadora, Mediadora da CAPH Social nessa atividade, Dilma de Carvalho, com dois momentos de grande repercussão na Escola.

No primeiro uma tarde inteira de interação com a fotógrafa Ducy Lima que mostrou seu trabalho para uma plateia atenta e depois partiu para uma oficina prática de mobgrafia, na qual os alunos puderam explorar os espaços da Escola e mobgrafá-los como nunca antes tinham visto: era o olhar para seu próprio cotidiano que batia à porta e não havia sido notado ainda. Num segundo momento, **o fotógrafo Jorge Vieira levou sua exposição BELEZA NEGRA** para o pátio da Escola, apresentou

sua trajetória na fotografia e fez uma roda de conversa sobre o conceito de sua exposição e a arte fotográfica como resistência cultural - reflexos e reflexões - que contou com a participação do Prof. de Sociologia Fabson Calixto, o que muito motivou o olhar da turma para suas raízes, suas origens enquanto brasileiros mestiços e todos os desdobramentos que a tomada de consciência do ser preto no Brasil de hoje tem enquanto ser social.

Os dois momentos de roda de conversa, no auditório da Escola, atiçaram a curiosidade de outros alunos, alguns motivados pela Professora de Arte Maria da Penha se fizeram presentes e puderam acompanhar o que estava sendo apresentado e, assim, interagir com as atividades extraclasse que tanto enriquecem o conhecimento vasto e empírico, defendido por educadores como Paulo Freire, por exemplo, que não enxergam aprendizado como

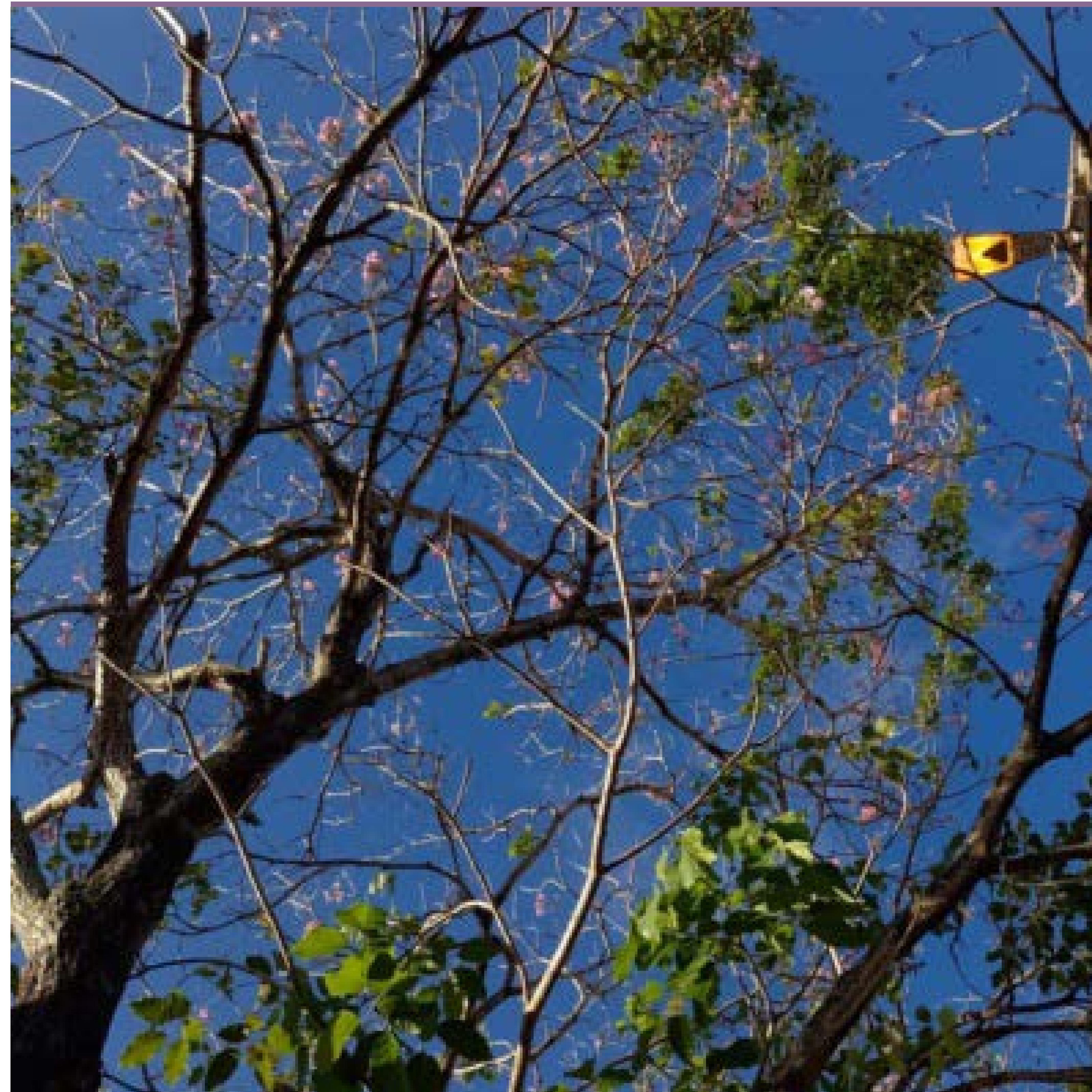
sendo somente um momento estanque, confinado em uma sala de aula.

A CAPH Social termina o ano de 2021 cumprindo sua principal razão

de existência: fomentar o interesse pela fotografia, em suas diversas formas e interagir com comunidades socialmente desprestigiadas por equipamentos públicos de arte e cultura. Também, aguçar em alunos, jovens estudantes do Ensino Médio, o interesse por olhar para suas comunidades com o olhar atento de quem quer se mostrar, de quem quer ser mostrado com o respeito e a dignidade que a arte pode produzir, sendo eles próprios os produtores do conceito da sua arte, da sua comunidade, da sua dignidade.



Mobgrafia do Aluno Mizael Carlos



Mobgrafia da aluna Larinha Dbx



Mobgrafia do aluno Gabriel



Mobgrafia da aluna Maria Eduarda



Mobgrafia do aluno Cauã Vinicius



Mobgrafia do aluno Heverton Bruno





Das fotografias encontradas no Tumblr até o início da construção da própria identidade fotográfica, o fotógrafo e estudante de Psicologia Júnior Soares, 21, percorreu um caminho de reencontro com as próprias raízes, mais precisamente, no interior de Alagoas, na cidade de Teotônio Vilela, onde viveu a sua infância, antes

de se mudar para Maceió. Ao passar uma temporada na cidade, em decorrência das restrições provocadas pela pandemia do coronavírus, **Júnior explorou a cultura local, as comunidades quilombolas** e os produtores culturais do município para exprimir a essência da regionalidade em suas fotografias.

O interesse pelas artes vem de berço, filho da artesã e coordenadora de promoção cultural da Secretaria de Cultura de Teotônio Vilela, Nilda Barbosa, Júnior confessa que sua mãe foi uma das inspirações para se conectar às expressões artísticas. "Ela me dá muito apoio em tudo isso, trocamos ideias e também produzimos juntos quando possível", contou.

E por falar em produção, **as fotografias registradas na cidade deram origem a duas exposições fotográficas** e a um documentário. Na primeira exposição,

ocorrida em fevereiro do ano passado, na **"Mostra Cultural Digital Olhares Negros Importam"**, realizada através do incentivo financeiro da Lei Aldir Blanc e desenvolvida pela empresa vilelense Somos Produção Cultural, Júnior fez registros das comunidades quilombolas vilelenses de Birros e Abobreira. O evento chegou a ser exibido através do canal no Youtube da Somos e o trabalho realizado com as comunidades se transformou em um documentário, que também está disponível no canal no Youtube.

Já a segunda exposição que o fotógrafo esteve presente, também ocorreu em 2021, no mês de novembro e foi denominada de **"Interior Sideral"**. Na mostra, o artista expôs fotografias da noite urbana em Teotônio Vilela.

Com registros que exaltam a simplicidade do interior do Estado e colocam como protagonistas as tradições e a população



interiorana, Júnior volta o seu olhar para capturar os detalhes que estiveram presentes em sua rotina por tantos anos. A seguir, confira o bate-papo com o artista:

Como surgiu o seu interesse pela fotografia?

Durante a minha adolescência, por volta dos 14 anos, comecei a compreender a fotografia como uma excelente forma de expressão. Essa descoberta foi bem espontânea e gradual no meu dia a dia. Atualmente, continuo descobrindo na medida em que venho experimentando e transformando minha arte em algo palpável.

Quais foram ou quais são as suas inspirações para fotografar?

Inicialmente, criava bastante com referências do Tumblr, da música e do

cinema internacional. Conforme tenho amadurecido artisticamente, venho buscando descolonizar meus processos criativos – o que não me impede de assimilar outras culturas, mas impulsiona a inspirar-me em produções nacionais com ênfase em artistas alagoanos mais do que nunca.

A sua mãe, por ser uma pessoa ligada à cultura, foi uma dessas inspirações? Ela lhe ajudou ou ajuda nesse processo para você exercer a sua arte?

Não tenho dúvidas que sim. Minha mãe dedica-se à cultura alagoana desde a minha infância. Ela é artesã e coordenadora de promoção cultural da Secretaria de Cultura de Teotônio Vilela, sempre estive de certa forma conectado com esse universo das artes por sua influência. Ela me dá muito apoio em tudo isso, trocamos ideias e também produzimos juntos quando possível.



Notei que existem fotos suas que exaltam a regionalidade e também a cultura popular, como as fotos feitas em Teotônio Vilela. Como surgiu esse insight em explorar as suas raízes? E como veio o convite ou a ideia em realizar uma exposição com elas?

A regionalidade vem sendo um ponto de exaltação no trabalho que tenho buscado desenvolver. Coincidentemente, no início da pandemia precisei sair de Maceió e vir passar a quarentena em Teotônio Vilela, onde já não morava há 5 anos. A partir disso, em meio às limitações do isolamento, fiz parcerias com produtores locais e temos juntos pensado meios de nos fortalecermos e expandirmos o cenário artístico vilelense e realizar exposições por aqui é uma dessas iniciativas.

Como era o nome e o conceito da exposição? Tinham fotos de outros

fotógrafos? E foi a sua primeira vez expondo? Conte mais sobre essa experiência.

A minha primeira vez expondo foi em Teotônio Vilela, em 2021, nos dias 20 e 21 de fevereiro, na "Mostra Cultural Digital Olhares Negros Importam", desenvolvida pela empresa vilelense SOMOS - Produção Cultural, que surgiu em 2021 e teve incentivo da Lei Aldir Blanc para realização da mostra, onde expus registros cotidianos dos quilombos Birros e Abobreira em dois eventos realizados nas próprias comunidades que foram transmitidos ao vivo no canal do YouTube da SOMOS e estão disponíveis nas mídias. Nessa experiência pude compreender mais da história e importância destes territórios. O objetivo do projeto foi exaltar os feitos dos moradores e impulsionar a confecção da culinária e do artesanato deles, nesse período de pandemia.



Fotografia de Junior Soares



A movimentação que isso gerou foi muito satisfatória e os aprendizados foram inúmeros. Além disso, foi produzido um documentário sobre as duas comunidades e sobre o projeto que está disponível no YouTube da @somospcultural.

Já a minha segunda exposição, "Interior Sideral", aconteceu dia 09 de novembro de 2021 e trouxe narrativas contemporâneas sobre a noite urbana de Teotônio Vilela. As fotografias foram motivadas pela obra "Sexta à noite faltou luz", do ilustrador vilelense Robson Cavalcante, que me convidou para expor no evento "Ensaio: cultura em movimento", onde também houve lançamento de sua obra e conversas com outros escritores da cidade. Na ocasião, fui o único artista visual expondo, mas também tivemos música e diálogos com os fazedores de cultura da região sobre ambiente de mercado e panorama da arte na cidade para possíveis articulações.

Como você se sentiu em ocupar esse espaço na sua cidade, uma cidade do interior de Alagoas, enquanto uma pessoa negra e LGBTQIA+?

Experiências como essas reforçam o pertencimento que tenho pelas minhas raízes. É muito massa ter essa visibilidade e poder mostrar meu olhar sobre esses espaços, para atravessar vivências de uma galera que também se identifica comigo. É muito importante que lugares historicamente marcados pelo racismo, machismo e lgbtfobia sejam ocupados por nós, pessoas que lutam por uma sociedade justa e igualitária. A arte proporciona este diálogo.

As fotos em que você aparece, como as do seu Instagram, se enquadram também no seu estilo fotográfico como fotógrafo, como autorretrato? E elas seriam uma forma de explorar outras expressões suas?



Fotografia de Junior Soares

■ O olhar que capta a regionalidade do interior de Alagoas

A linguagem do corpo também me atrai bastante e tenho me interessado muito em desenvolver mais isso. Por isso, costumo fazer autorretratos que vão além de selfies e trazem mais da minha essência através de simbologias e subjetividades que traduzem a forma como gosto de ser enxergado.

Você tem uma ideia clara sobre a mensagem e as pessoas que você deseja atingir através da sua arte? Ou é algo que você está construindo, experimentando?

Acredito que são muitas as mensagens que eu desejo expressar e que sempre estou agregando ou desagregando algo, conforme me conheço e conheço o mundo. No momento, quero propagar emoções, as mais diversas possíveis.

Você já fez cursos de fotografia ou pretende explorar mais esse caminho? Quais são seus planos

com relação a fotografia?

Já realizei um curso de fotografia em Maceió e atualmente estou fazendo um curso em Recife, Pernambuco.

Eu pretendo avançar meus estudos na área, assim planejo dar continuidade ao trabalho que já venho exercendo, cada dia com mais excelência e ocupando novos espaços.

Para você, há alguma relação da sua fotografia com a outra profissão que você escolheu, a psicologia?

Com certeza, sim! Ainda que não tenha sido proposital, consigo enxergar perfeitamente a relação das duas áreas e pretendo entrelaçar esses saberes. A arte está presente em cada indivíduo e particularmente, a fotografia ocupa um papel muito simbólico para mim e para os meus processos psicológicos.

Para conhecer mais o fotógrafo, acesse seus perfis no Instagram: @jwnixr @povo.arte



Natural Maceió-AL, Ducky Lima é funcionária pública e **tomou gosto pela fotografia em 2019** após adotar como hobby a fotografia mobile retratando o cotidiano das ruas. Ainda em 2019, participou de 2 exposições coletivas denominadas UBUNTU e FRAGMENTOS'19.

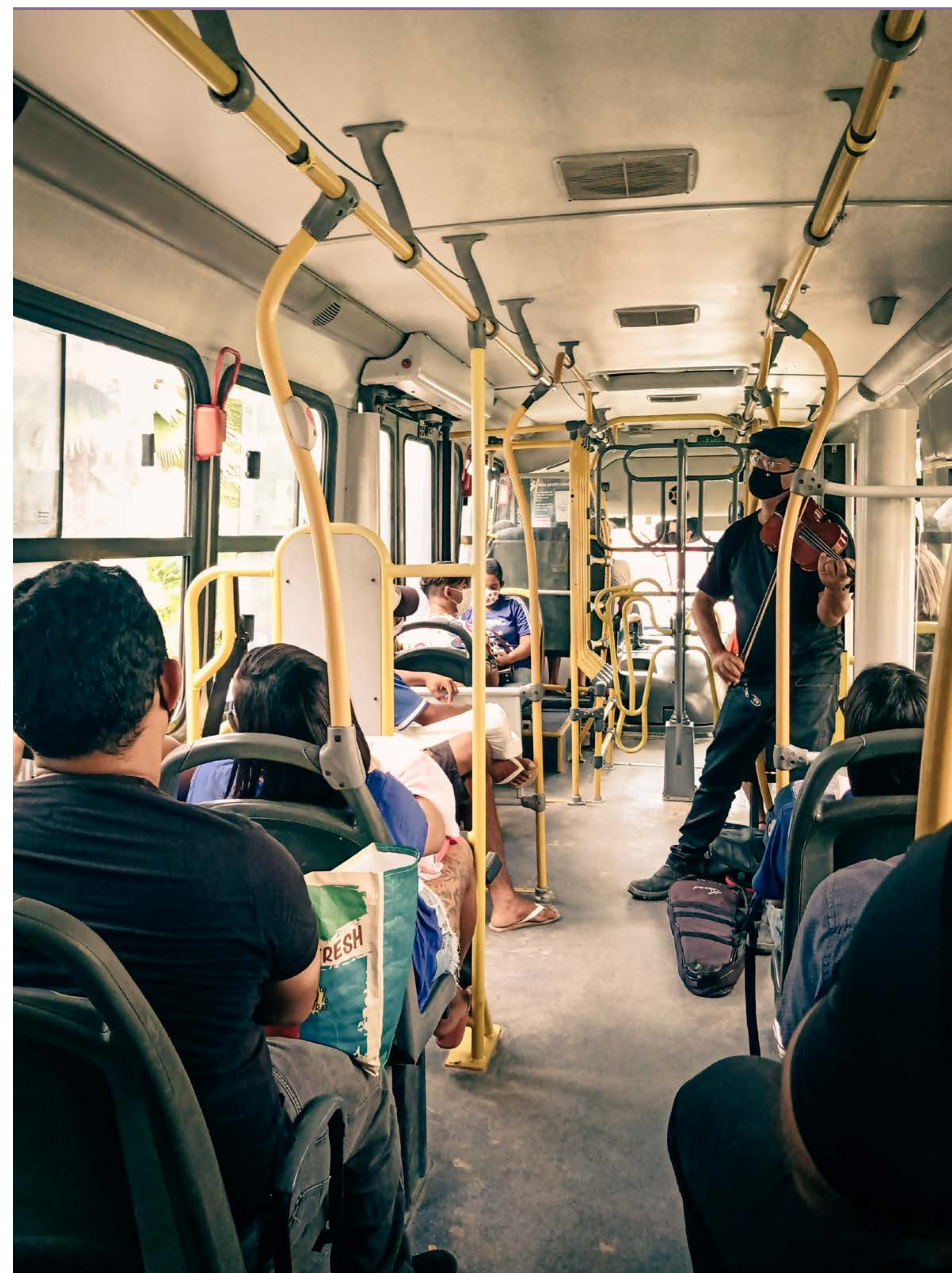
Como aluna do projeto de extensão chamado Fotoifal, do Instituto Federal de Alagoas, participou da oficina sobre fotografia mobile na 9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, falando sobre o processo criativo das fotografias de rua de sua autoria. **Em 2020 participou da oficina FotoGrafando Poesia**, ministrada pelo fotógrafo Jorge Vieira, na qual aprendeu a valorizar a poética de sua subjetividade. Nesse mesmo ano de 2020 sua fotografia foi classificada como **menção honrosa na categoria foto única com o tema "A suspensão do tempo"**, do concurso promovido pelo FOTOSURURU - Festival de Fotografia Criativa de Alagoas.

Atualmente, Lima participa do projeto RUPTURA, que nasceu da inquietação de 12 fotógrafos com a situação dos bairros afetados pelo afundamento do solo, proveniente da exploração de sal-gema, da qual **resultou na exposição O CHÃO DA NOSSA CASA**, sua terceira participação em exposições coletivas.

Ducky Lima também faz parte da coordenação da Casa Alagoana da Fotografia - Caph e é fotógrafa voluntária do Fórum de Cultura Popular e do Artesanato Alagoano – FOCUARTE.

Sobre A Série Diário Coletivo Urbano:

Foi da imersão cotidiana nos coletivos (ônibus), **durante as idas e vindas ao trabalho** que nasceu a Série Diário Coletivo Urbano, cujo objetivo principal é mostrar a potência de uma comunidade que, apesar de estar sempre em movimento, expõe suas inquietações



Fotografia de Ducky Lima



Fotografia de Ducey Lima

através de intervenções escritas e movimenta a economia local com diversos modos de sobrevivência. Sem ter prazo final, a Série Diário Coletivo Urbano ainda está em andamento e dependendo do fluxo criativo, provavelmente estará sujeita à mudanças. O processo criativo está sendo construído com a mistura da instantaneidade das fotografias de rua e a poética da subjetividade da fotógrafa. Dentre poucas técnicas, vez ou outra, há uso de sobreposição em algumas frases no intuito de criar provocações.



Fotografia de Ducey Lima



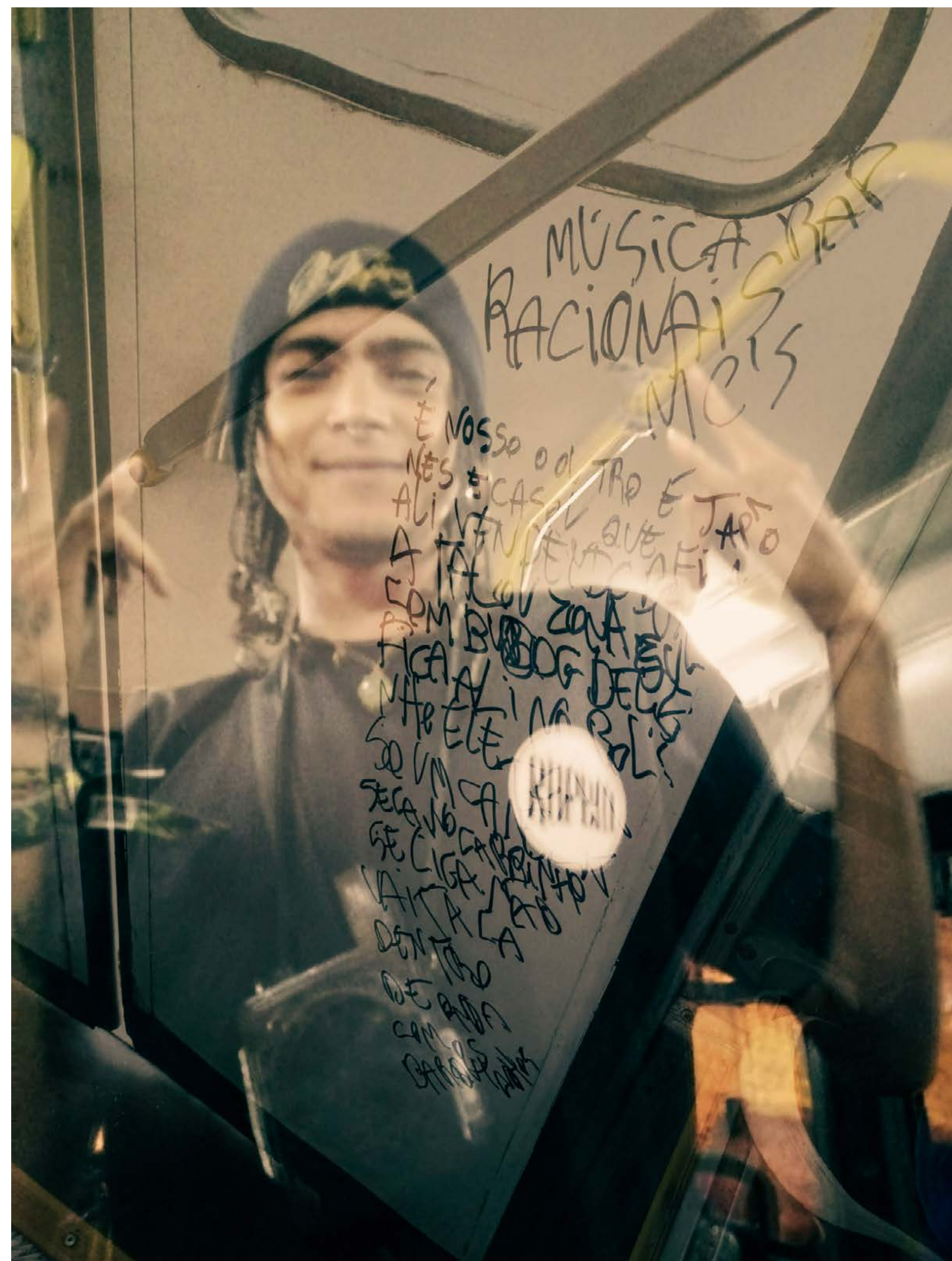
Fotografia de Ducy Lima



Fotografia de Ducy Lima



Fotografia de Ducey Lima



Fotografia de Ducy Lima



Fotografia de Ducy Lima



CASA
ALAGOANA
PHOTOGRAFIA

@caphmaceio